

Joaquim Norberto de Sousa Silva: crítica reunida

Org. introd. e notas de José Américo Miranda,
Maria Eunice Moreira & Roberto Acízelo de Souza
Porto Alegre: Nova Prova, 2005

Luiz Antonio de Assis Brasil
Escritor. Professor da PUCRS

Os estudos literários envolvendo o século 19, a par de suas naturais especificidades teóricas e escolares, vão muito além; são reflexões que necessariamente tratam do *Zeitgeist* desse mesmo século. Isso lhes dá um alcance inesperado e sempre bem-vindo. Ganha a literatura, por certo, ganha a teoria, sim, mas também ganha o melhor entendimento do que foi o espírito oitocentista. É preciso, contudo, atentar para um fato: se são numerosos os ensaios sobre a produção primária dos romancistas, cronistas e poetas, raramente vemos sob exame os textos críticos contemporâneos ao surgimento dessa mesma produção, exceto se os críticos sejam, ao mesmo tempo, literatos. Nesse último caso, há vários exemplos, a começar pelos nomes de Machado e Alencar.

A obra *Joaquim Norberto de Sousa Silva: crítica reunida*, organizada por José Américo Miranda, Maria Eunice Moreira e Roberto Acízelo de Souza, saído pela Editora Nova Prova é, nesse contexto, uma raridade, e dupla raridade. Em primeiro lugar, por debruçar-se sobre a obra de um crítico, coisa rara, entre nós; em segundo, por ser esse crítico apenas conhecido pelos especialistas, embora sua fluente colaboração na imprensa. Sublinhando o que disse acima, aparentemente a Universidade prefere o estudo dos críticos-criadores (ou criadores-críticos), mercê de sua notoriedade, ampla o suficiente para ultrapassar os muros a Academia. Quem não conhece o feroz artigo que Machado escreveu contra Eça em 1878, e publicado na revista carioca “O Cruzeiro?” E as polêmicas de José de Alencar?

Aqui temos uma expansão do conhecimento referente ao sé-

culo 19 por uma voz que, coetânea dos acontecimentos culturais e versando sobre autores com a obra ainda *in fieri*, representa o alcance a que chegou a crítica no período e serve para dar forma a um pensamento semi-institucional sobre os assuntos literários. Ver-se-á que Joaquim Norberto é essa voz que fala *de dentro* de sua época, mas que também a condiciona, modelando um padrão ensaístico que iria fazer escola junto aos seus afamiliados intelectuais. Não é exagero dizer que Joaquim Norberto foi capaz dessa proeza. Se os criadores poéticos ou ficcionais tinham, em relação à crítica, uma dedicação de meio-turno, Joaquim Norberto é da estirpe de profissionais concentrados a que pertencem, nos dias de hoje, nomes como Wilson Martins ou Antonio Candido, isto é, que escrevem textos configurados à fácil apreensão por parte do público letrado em geral. Isso lhes dá um frescor que, no caso de Joaquim Norberto, até poderia ser entendido equivocadamente como ingenuidade; nosso autor, entretanto, jamais é um ingênuo. Seu estilo, espriado em metáforas copiosas e caprichosa retórica, revela, ao leitor atento, uma exata compreensão de seu papel; ao fazer crítica, lança raízes reflexivas sobre identidade brasileira ainda em formação - e dê-se o crédito ao Romantismo. Desse modo, sua crítica nunca é apenas o que é: é, também, o cripto-apoio (por vezes transformado em apoio explícito) de uma renomada personalidade ao projeto da edificação de um pensamento nacional encabeçado pelo próprio Imperador D. Pedro II.

Nascido em 1820 e morto em 1891, Joaquim Norberto de Sousa Silva viveu a pleno seu século, e a obra ora resenhada contempla quarenta e dois anos de produção (1850-1892). São textos de revistas, livros e edições avulsas, que os organizadores distribuíram em quatro categorias: a) árcades e românticos (com “notícias” sobre Tomás Antônio Gonzaga, Silva Alvarenga, Alvarenga Peixoto, Álvares de Azevedo, Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa, Laurindo José da Silva Rabelo e Casemiro de Abreu; b) estudos biográficos, em que Joaquim Norberto trata de Bento Teixeira Pinto, Frei Manuel Joaquim da Mãe de Deus, José Bonifácio e Cláudio Manuel da Costa; c) crítica circunstancial, em que são reunidos textos vários, nos quais destaca o discurso por ocasião da morte de Joaquim Manuel de Macedo; e d) escritoras – neste capítulo, Joaquim Norberto ocupa-se, de modo precursor, das vozes femininas na literatura: Rita Joana de Sousa, Ângela do Amaral Rangel, Grácia Ermelinda, Delfina Benigna da Cunha, Bárbara Heliódora e Beatriz de Assis.

O leitor já deve ter percebido o amplo espectro do trabalho teórico de Joaquim Norberto; alguns desses nomes a história literária veio a consagrar; outros, a mesma história remeteu-os a seus definitivos lugares de esquecimento. Por esta razão, a antologia ora surgida detém, para além de outros, esse grande mérito: o de reforçar a idéia de que um escritor prova-se ao longo de uma carreira, e que o tempo é a medida de sua importância.

Esta coletânea de ensaios de Joaquim Norberto vem primorosamente editada, com introdução sobre o autor e suas circunstâncias pessoais e culturais, atualização lingüística e numerosas notas de rodapé, sempre oportunas e esclarecedoras. O livro representa, assim, uma relevante colaboração para o conhecimento sobre o nosso País: como se sabe, é a literatura a melhor forma de sabermos o que fomos e, por conseguinte, o que somos e o que seremos.

Depois da leitura, ficamos com a sensação da obra oportuna, a que discute o momento pretérito mas que, na verdade, dá-nos elementos para entender o momento presente: Joaquim Norberto, em muitas passagens de seus textos, reforça a idéia de que a nacionalidade é sempre um processo, e desse processo os escritores são parte essencial e necessária.

O passado, no fim das contas, não está tão longe como parece.